



Corpo-território: fenomenologia de Fanon e a redescoberta da África através da literatura e da corporeidade

Luiz Tiago de Paula¹

Fernanda Cristina de Paula²

RESUMO: A cisão entre corpo, território e raça deriva de uma fragmentação própria do horizonte lógico-formal da ciência moderna ocidental e eurocêntrica, repercutindo em destituições do corpo, em detrimento da mente (razão), provocando dissociações que dificultam a compreensão de experiências raciais cotidianas a partir da corporeidade. Nesse sentido, as filosofias africanas e a literatura, fora dos limites formais impostos pela ciência ocidental, é capaz de provocar e redescobrir potentes imagens literárias que confluem para aspectos ontológicos desses corpos pretos diaspóricos, conformando redescobertas de ancestralidades com África. Assim, a partir de elementos da fenomenologia presentes nas obras de Frantz Fanon e Merleau-Ponty, buscamos, desde a relação literatura (presente na reflexão de ambos os pensadores), trazer a própria corporeidade como gênese de distintas territorialidades, as quais evocamos aqui como corpo-território.

Palavras-chave: fenomenologia; experiência racial; corpo e África; literatura.

Introdução: Corpo em África e Ontologia

A construção de uma epistemologia africanista ou afrodiaspórica sobre o corpo, em oposição à concepção eurocentrada, enfrenta o desafio da tradição científica e filosófica moderna. Trata-se de prejuízos de uma tradição consolidada nos paradigmas ocidentais (de Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, entre outros), que negligenciaram uma pluralidade de saberes que ampliam as possibilidades de compreensão do corpo na contemporaneidade. Enquanto o cartesianismo e o positivismo reduziram-no a dimensões fisiológicas e deterministas, perspectivas

¹ Professor do Curso de Ciências Humanas pela Faculdade Sesi de Educação de São Paulo (FASESP), Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3252-0337>.

² Pós doutoranda no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR), FCA/Unicamp. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em "Gestão Integrada do Território"(GIT), Univale.



africanas e afrodiaspóricas apontam, há muito tempo, para caminhos ontológicos mais integrados e sustentados por uma solidariedade cósmica³.

O corpo significa força vital, movimento e (co)presença na filosofia Ubuntu. O sufixo “Ntu” pelos povos africanos de banyaruanda⁴, se refere ao ser-em-movimento manifestado em forma de energia e presença. Deste sufixo “Ntu” se deriva quatro categorias ontológicas essenciais: “Ki-ntu” (ser-força-coisa), “Ha-ntu” (ser-força-lugar-espço), “Ka-ntu” (ser-força-modalidade) e “Mu-ntu” (ser-força-pessoa). O “Ubu”, prefixo de Ubuntu, traduz-se em energia de transformação presente nessas quatro categorias⁵. Para Malomalo⁶, “o Ubu é a energia que faz a ligação entre todos os seres. Essa ligação acontece através da Solidariedade Cósmica, Movimento-Comunhão ou Participação Processual”. Tal transformação é solidária e se efetiva em comunhão, pois a um só gesto, uni o plano cósmico ao mundano, dentro de um campo coletivo e ancestral, carregado pelo sufixo “Ba”, que dá origem ao “Bantu” (grupo ou povo). Isto é, pensar em corpo, sob uma perspectiva Ubuntu, não se restringe ao indivíduo (apesar de incorporá-lo em “Muntu”), nem à ideia moderna de sujeito, mas a uma condição ontológica, de legado, superação e coletividade.

Corpos que se unem para fortalecer e potencializar a própria existência se justificam a partir de um “quilombismo” ao que Abdias Nascimento⁷, numa redescoberta da África, atribuiu a corpos negros quando demonstram serem capazes de transformar as circunstâncias nas quais vivem; e que, sobre um contexto de colonização, recupera a capacidade de conduzir seu próprio destino. Reaver a própria

³ MALOMALO, Bas’llele. *Filosofia Ntu*. Belo Horizonte: Nandyala, 2022.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

⁴ Malomalo (2022, p.22) expressa que “Mubabingue Bilolo e Théophile Obenga (2005) afirmam que os egípcios antigos traduziram a filosofia da Força-Vital em “Ntw”, “Onto”, Ser-Preexistente. Todavia não é um Ser imóvel; é o Ser-Devir a partir do qual tudo o que existe procede, sem se confundir com Ele: o Noun, visto como água primordial.”

⁵ LOPES, Nei; SIMAS, Luiz A. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

⁶ MALOMALO, Bas’llele. *Filosofia Ntu*. Belo Horizonte: Nandyala, 2022, p. 23.

⁷ NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

DE PAULA, Luiz T. Se 'sou porque nós somos', até quando precisaremos de heróis?. In: PRUDENTE, Celso L.; ALMEIDA, Rogério; NUNES, Hugo C. B.; NETO, João C. S. (Org.). *Reescrevendo a história com as mãos negras: homenagem à trajetória de Orlando da Mata*. 1ed.São Paulo: Feusp, 2024, p. 268-272.



história e manter permanentemente a soberania de seu próprio legado coletivo torna-se a própria redescoberta ancestral. Tal concepção quilombista inclui e, ao mesmo tempo, extrapola o fenômeno do quilombismo aos importantes episódios de resistência e revoltas históricas contra o regime escravista, à medida que considera as estratégias cotidianas sob corpos que se mobilizam em “Hantu” (ser-força-lugar-espço) e microterritorialidades produzidas em um contexto afrodiaspórico.

Pensar corpos como uma redescoberta da África, nesta perspectiva, abre-se para uma possibilidade meditativa sobre experiências negras traduzidas e sentidas num movimento fenomenológico que une território, corpo e ser, enquanto linguagens de uma sensibilidade simbólico-afetiva. Atravessando memórias e expectativas intersubjetivas faz-se um caminho já trilhado por Frantz Fanon⁸ e Merleau-Ponty⁹. Ambos apelam à arte, em especial à literatura, não por coincidência, para propor uma nova maneira de refletir sobre a “estrutura corpórea” diante da psicologia e da psicanálise. Fanon¹⁰ aposta na grandiosidade de romances para pensar sobre a ontologia da experiência do homem e da mulher negra colonizados; e Merleau-Ponty sobre o poder criativo da expressão literária como linguagem de um pensamento encarnado¹¹.

Esses dois filósofos recorreram a uma investida fenomenológica, sobretudo com o intuito de enfrentar o triplo prejuízo epistemológico: por um lado, da ciência moderna (psiquiatria e psicologia), por outro da filosofia clássica ocidental, que reduzira a corporeidade ao mecanicismo inerte e fragmentado de um corpo (branco) universal, e, por fim, da linguagem enquanto norma instituída, desprovida de seu poder criador¹².

⁸ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. (trad. José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira) São Paulo: Perspectiva, 2014.

¹⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

¹¹ CORRÊA, Éder. A realização de uma verdade: a literatura na filosofia de Merleau-Ponty. *Non Plus*, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 13, p. 79–92, 2018.

¹² CARDIM, Leandro. N., A expressão literária em Merleau-Ponty. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n.17, v.2, 2010, pp.45-56.



Em Fanon¹³, muitas de suas reflexões sobre a indissociabilidade entre corpo, território e literatura confluem ao pensamento, por exemplo, de Beatriz Nascimento¹⁴ e Neusa Santos de Souza¹⁵ que viam sob um (novo) território existencial físico a realização de “corpos-territórios” a partir de aquilombamentos de escolas de samba, terreiros, barracões, associações militantes, organizações que sintonizavam a força vital de “Ntu” à liberdade de corpos que falam, dançam, gesticulam, fazendo os músculos relaxarem, distensionarem em um movimento constante, que segundo Pires, Queiroz e Nascimento¹⁶, desalienam e ressubjetivam as relações entre corpo-território-mente-alma.

A noção de corpo-território vem sendo utilizada dentro de diferentes disciplinas do campo das ciências humanas e sociais, no contexto brasileiro. Ao tematizar o corpo, a noção dá abertura para refletir sobre objetos e sujeitos de pesquisa desde a corporeidade de suas experiências ou existências, sendo um termo que tem sido privilegiado por pesquisas que assumem postura decolonial ou, ainda que não declaradamente decolonial, relacionadas a grupos sociais minorizados ou vulnerabilizados no contexto das sociedades ocidentais contemporâneas, eurocentradas, tais como: povo negro, população indígena, quilombolas, mulheres, pessoas com deficiência e outros. A mesma noção tem sido pensada a partir de diferentes epistemologias, resultando em, por exemplo, um conceito que pode considerar o corpo enquanto território de uma cultura¹⁷ ou um conceito que entenda o corpo como um território, a partir de uma abordagem foucaultiana, pensando-o como uma extensão areal que é objeto de disputa de diferentes agentes (Estado, empresas ou o próprio Capitalismo)¹⁸. Neste escrito, estamos pensando

¹³ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

¹⁴ NASCIMENTO, Beatriz. *O negro por ele mesmo*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

¹⁵ SOUZA, Neusa S. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

¹⁶ PIRES, Thula R.; QUEIROZ, Marcos; NASCIMENTO, Wanderson F. A linguagem da revolução: ler Frantz Fanon. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 7-28.

¹⁷ MIRANDA, Eduardo O.. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020. 207p.

¹⁸ MONDARDO, Marcos Leandro. *O Corpo enquanto “Primeiro” Território de Dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle*. Universidade Federal da Grande Dourados, 2009. [Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (Bocc)]



corpo-território a partir das reflexões empreendidas por Fernanda C. de Paula¹⁹ que, a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, coloca a indissociabilidade entre corpo e território, desde a dimensão do sensível; o que promove uma perspectiva encarnada da compreensão da relação entre as pessoas e o espaço, de forma geral.

Assim, o presente ensaio se vale deste ensejo para pensar em noções plurais de corpos-territórios, tendo como pano de fundo, as impressões deixadas por reflexões de Frantz Fanon (em sua relação com os escritos de Merleau-Ponty) a partir da fenomenologia e da linguagem literária, reintegrando as esferas sociais, cósmicas e culturais de inspirações africanas. Tais elementos das filosofias africanas e saberes afrorreferenciados guiarão essa redescoberta ancestral sobre a /e em África.

A redescoberta do corpo: o salto fenomenológico entre Fanon e Merleau-Ponty

Ontem, ao abrir os olhos para o mundo, vi o céu se retorcer de uma ponta a outra. Quis me levantar, mas o silêncio eviscerado fluía de volta para mim, com as asas paralisadas. Irresponsável, cavalgando o espaço entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar.²⁰

Acordar, se deparar com o céu e, sem poder voar, restar-lhe apenas as lágrimas foi um ato que passou, por muitos, despercebido na obra de Franz Fanon. Estas lágrimas são de um corpo que fala, não porque tomou consciência de sua existência (ou da privação dela, o não-Ser). Mas porque assumiu a sua condição de vulnerabilidade ontológica e obteve (cons)ciência deste corpo em queda do céu, o qual procura se agarrar, dar fim ao seu boléu, e tomar para si o seu próprio destino: um corpo negro que se levanta diante do colonialismo.

¹⁹ DE PAULA, Fernanda Cristina. Ser corpo-negro: con-vívio, dis-córdia e presença nos lugares e territórios. In: Claudinei Aparecido de Freitas da Silva; Reinaldo Furlan. (Org.). *Figuras da carne: diálogos com Merleau-Ponty*. 1ed.São Paulo(SP)/São Carlos (SP): Cultura Acadêmica/Pedro e João Editores, 2024, v. 1, p. 119-154

²⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020, 154 p.



Esse choro irrompeu durante a escrita de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, obra na qual o intuito de Fanon²¹ era propor um diagnóstico: um estudo clínico que demonstrasse a alienação da consciência e do corpo negro colonizado pelo desejo de ser branco. O tom combina violentas denúncias e, em concomitância, resguardados acolhimentos: “[...] desejo sinceramente levar meu irmão, seja negro, seja branco, a sacudir de maneira mais vigorosa possível a deplorável libré urdida por séculos de incompreensão.”²²

A firmeza de seu olhar, na contracapa de *Pele negra, Máscaras Brancas* da edição brasileira²³, não nos deixa dúvida sobre a seriedade do martiniquense, culto e educado sob os moldes franceses que, a determinada altura da vida, passa a questionar a sua própria formação pessoal, acadêmica e social sob a condição existencial de um ser-colonizado. No período em que exerceu a atividade de psiquiatra chefe em um hospital psiquiátrico argeliano (à época, colônia da França), não por coincidência ele escolheu deliberadamente, mesmo sem ser africano, aderir ao movimento da FLN (Frente de Libertação Nacional) em prol da descolonização da Argélia e se opor sumariamente a qualquer tipo de ocupação ou influência francesa em territórios colonizados ultramarinos ou maghrebianos. Mas o que dizer de seus argumentos, da sua capacidade intelectual e de sua habilidade em articular complexas reflexões filosóficas diante de um choro que te arremete em meio a tantos pensamentos?

Essa é a complexidade dualística, angústia que faz a obra de Fanon ser tão profunda e complexa: compreender os contextos históricos-descolonizatórios e geográficos-diaspóricos que, ora, se referem-se aos seus protestos políticos e filosóficos em forma de denúncias e, ora, dizem respeito aos mais profundos gestos amalgamados nas subjetivações do corpo negro que ali pensava e escrevia. A filosofia ocidental não lhe cabia a ontologia que almejava.

²¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

²² Id., *ibid.*, p. 26-27.

²³ Id., *ibid.*



Fanon²⁴ não tinha escolha: seria preciso descrever uma consciência que ali pensa e habita um corpo negro. Este corpo negro é, na mesma medida, *pari passu*, a casa e o veículo do Ser. Um Ser Incompleto, porque identifica na sua cissiparidade ontológica duas dimensões: uma com seu semelhante e para si mesmo (pele negra), e uma *para-outrem* com o branco (máscaras brancas). A primeira não se realiza em sua completude e totalidade por mecanismos da outra, exógena e violenta, operando no terreno das idealizações, afetando, até no campo da linguagem, a capacidade da outra em seu empenho existencial de (auto)reconhecimento e autodeterminação.

Talvez essa cisão, num jogo de desapropriação e inautenticidade de uma dimensão ontológica sobre a outra, teria sido o trunfo de Fanon ao criticar e fazer o que parcela considerável da tradição filosófica ocidental (centrada em si mesma) nem ao menos especulou: questionar a “pele” do sujeito cartesiano e racional do *res cogito* e desnudá-la de seu palanque inalcançável de “baluarte da razão”. Para, assim, corporificá-lo diante de outros corpos, encará-lo, revelá-lo aos seus defeitos e preconceitos.

Este sujeito moderno, então, é retirado (expulso!) de sua normatividade eurocêntrica, despojado de sua sacralização lógica-racional e situado num mundo trazido por Fanon, cujas vozes decorrem de outros seres, os quais foram historicamente subjugados, seja por incompreensão, seja pelo desejo de dominação, ocultação e extirpo de suas existências. De razão moribunda, o corpo se torna, portanto, a chave e possibilidade de reabilitação existencial desses sujeitos – torna-se corporeidade histórica e território.

Fanon²⁵ opera numa inversão do cartesianismo, onde a racionalidade só poderia ser mediada por aquilo que é corporalmente sentido. Pires, Nascimento e Queiroz²⁶ argumentam que Fanon, em sua fenomenologia, não atua como um cientista “no laboratório, tabulando fórmulas sobre processos de docilização, disciplinamento e

²⁴ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

²⁵ FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

²⁶ PIRES, Thula R.; QUEIROZ, Marcos; NASCIMENTO, Wanderson F. A linguagem da revolução: ler Frantz Fanon. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 17.



matabilidade dos corpos. Sua escrita nos fustiga e instiga [...] derrubando as fronteiras dos jardins da razão”. Nesse sentido, para além da superação da dicotomia corpo-mente, razão-emoção (entre outras), Fanon nos convida a transpor esses dispositivos alienadores em busca de um reencontro com as nossas origens – uma redescoberta da África – e, ao mesmo tempo, a lutar por uma liberdade ontológica.

Quando ele menciona “*Muntu é força*”²⁷, o pensador propõe uma solução para que a ontologia da Força Vital seja revigorada. Ao citar a leitura de *Filosofia Bantu* de Aliene Diop, acredita que o negro deveria ser esquecido, para poder encontrar a si mesmo e agrupar suas forças autênticas, ou seja, existenciais. Esse esquecimento não se tratava do amplo processo de apagamento histórico a partir do etnocentrismo europeu, já discutido aqui. Mas, sobretudo, um esquecimento do *ser-outrem*, do juízo branco que criva, intermedia e fragmenta o ser negro colonizado. É um esquecimento que liberta, ao conceder ao negro se olhar no espelho, se reconhecer e se tornar o *ser-para-si*. Essa condição ontológica, no entanto, deveria ser provisória, à medida que Fanon²⁸ traçou reflexões que confluem ao pensamento hegeliano de *Fenomenologia do Espírito* “a consciência-de-si é em si para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido”²⁹. Esse reconhecimento passaria, necessariamente, pelo corpo e não apenas pela consciência. É nesta interpretação sobre a transição entre corpo-consciência que Fanon encontra a fenomenologia e a estrutura do comportamento de Maurice Merleau-Ponty.

O negro, em determinados momentos, está preso em seu corpo. Mas, “para um ser que adquiriu consciência de si e de seu corpo, que alcançou a dialética entre sujeito e objeto, o corpo não é mais causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto de consciência”³⁰

Esse “estar preso ao corpo negro”, na obra *Pele negra, Máscaras brancas*, pode oscilar enquanto potência da Força Vital (*Muntu*) ou, a depender das condições dessa

²⁷ Idem, p.196.

²⁸ Idem.

²⁹ Citação direta, feita por Fanon (2020, p.227), G.W.F Hegel, *Fenomenologia do Espírito*.

³⁰ Citação direta, feita por Fanon (2020), de Maurice Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento* [1942], trad. José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975, p. 236.



vitalidade – ser robusta, revigorante ou enfraquecida. O enfraquecimento derivaria do processo racialmente violento, aprofundando o dilema do corpo: prisão e liberdade do ser. Essa reflexão ambígua sobre o corpo em Fanon vai encontrar confluências nas reflexões de Maurice Merleau-Ponty. É sabido que o martinicano acompanhou as aulas do filósofo francês, em Lyon, nos anos 1940, o que pode ter favorecido o fomento de ideias sobre suas investidas fenomenológicas para pensar o corpo³¹.

Isso faz sentido quando analisamos que para Merleau-Ponty³², por exemplo, “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. A noção de pensamento do corpo-sujeito que a fenomenologia merleau-pontiana traz à tona é onde Fanon encontra a possibilidade de diálogo de uma filosofia que coloca, em termos ônticos e ontológicos o corpo como pivô do mundo. Essa centralidade é fundada sobre uma condição dicotômica uma vez que o filósofo francês ainda assume que “[...] centrar nossa existência é também o que nos impede de centrá-la absolutamente, e o anonimato de nosso corpo é inseparavelmente liberdade e servidão. Assim, para nos resumir, a ambiguidade do ser no mundo se traduz pela ambiguidade do corpo [...]”³³.

A subliminaridade dessa noção de liberdade e servidão do corpo, encontra eco constante no pensamento de Fanon, quando este explicita que por mais competente e habilidosa que seja a capacidade do indivíduo negro em dominar o sistema categórico de símbolos culturais europeus, ele nunca será branco. O autor exemplifica tal condição sobre duas vias: a língua e o corpo. No primeiro caso, Fanon³⁴ traz os recorrentes casos de pacientes clínicos que são atendidos por profissionais franceses que procuram se comunicar em *petit-nègre*. Esse termo, etimologicamente, com forte carga pejorativa racial refere-se a variantes da língua utilizada para a comunicação em algumas colônias francesas, em meados do século XX, especialmente em

³¹ AL-SAJI, Ali. Touching the wounds of colonial duration: Fanon's anticolonial critical phenomenology. *Southern Journal of Philosophy*, Memphis, v.62, p.2-23, 2024.

³² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

³³ Id., *ibid.*, p. 126.

³⁴ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.



circunstâncias de serviços militares. O uso dessa variante, em território francês, sem o mínimo contexto e necessidade, para o autor tratava-se de um instrumento de submissão a partir de um processo de “fixação” do projeto anticolonial: “[...] fazê-lo falar *petit-nègre* é acorrentá-lo à sua imagem, enredá-lo, aprisioná-lo, vítima eterna de uma essência, de uma *aparência* pela qual ele não é responsável.”³⁵

Sobre a via do corpo, Fanon³⁶ assumia que corpos negros eram percebidos em ambientes coloniais e colonizados, sob atos de consciências capturados por uma estrutura racial bem definida, o que produziria a mesma “fixação anticolonial” pela mera postura e presença:

– Olhe o negro!... Mamãe, um negro!... Quietos! Ele vai se zangar... Não lhe dê atenção, meu senhor, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto a gente [...] Meu corpo me era devolvido desmembrado, desmantelado, arrebatado, todo enlutado naquele dia branco de inverno.”³⁷

O trecho acima revela, então, que Fanon utilizava de suas experiências corpóreas e biográficas para propor essa outra ou nova tentativa de compreender a estrutura do ser e a estrutura corporal. Mas é preciso ressaltar que, segundo Al Saji³⁸, Fanon construiu uma abordagem fenomenológica crítica, sendo difícil fazer uma leitura do autor que proponha uma simples continuidade linear das ideias de Husserl, Merleau-Ponty ou Sartre. Em vez disso, a fenomenologia fanoniana é de ruptura e reconfiguração da tradição fenomenológica, ao criar seu próprio método por meio de uma fenomenologia do afeto e experiências que rompem com o aspecto “perceptual” que aparece no centro das fenomenologias antecessoras. Fanon inventa um método fenomenológico distintamente temporal e anticolonial, a partir de territórios afetivos em que teve que habitar de maneira existencialmente cindida.

Para Falabretti e Queiroz³⁹, enquanto Merleau-Ponty estabelece uma fenomenologia do corpo próprio (perceptivo-estrutural) como fundamento de nossa

³⁵ Id., *ibid.*, p. 49.

³⁶ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

³⁷ Id. *Ibid.*, p. 129.

³⁸ AL-SAJI, Ali. Touching the wounds of colonial duration: Fanon's anticolonial critical phenomenology. *Southern Journal of Philosophy*, Memphis, v.62, p.2-23, 2024.

³⁹ FALABRETTI, Ericson; QUEIROZ, Ivo. *A fenomenologia negra de Fanon*. Curitiba: Kutter Editorial, 2025.



existência, da nossa situação e liberdade em um debate profundo com as ciências, Fanon radicaliza estas ideias ao examinar a situação concreta de indivíduos racializados a partir da exploração e da crítica histórica e sociológica à reificação de corpos colonizados. Partindo da crítica contundente dos efeitos corrosivos do colonialismo, propôs a criação de um novo humanismo, ancorado sob uma experiência interpessoal centrada na vivência dos reconhecimentos recíprocos.

Esse esforço para compreender a experiência corporal racial sob um aspecto simbólico de sua ontologia, revela um traço característico do compromisso fenomenológico de Fanon: aprender a descrever o sentido vivo da existência humana em sua concretude do mundo da vida⁴⁰. Sob uma fenomenologia da corporeidade Fanon, assim como Merleau-Ponty, parte de um ser humano como unidade indivisível, onde corpo e consciência, matéria e espírito, coexistem de maneira integrada. Isto é, ambos concordam sobre o corpo como veículo do ser. No entanto, a fenomenologia fanoniana cria seu próprio caminho quando o filósofo martiniquense, ao invés de prosseguir sobre a pauta do “esquema corporal” por Merleau-Ponty⁴¹ em *A estrutura do Comportamento*, estabelece uma nova maneira de interpretar o fenômeno da corporeidade com aquilo que denominou de **esquematismo epidérmico**. Para ele, o esquema epidérmico surge das relações históricas e sociais de opressão e subordinação, consistindo fundamentalmente numa visão parcial e restritiva ao objetificar o corpo negro.

Em outras palavras, Falabretti e Queiroz⁴² demonstram que a interdição do esquema corporal proposta por Fanon não ocorre apenas do resultado de lesões físicas (como o faz Merleau-Ponty), mas de atos de agressões simbólicas capazes de permear memórias corporais. E quais seriam as curas ou potencialidades fenomenológicas de um corpo que sente, aprende e memoriza? Residiria no desafio não mais individual, mas coletivo de enfrentamento da cisão ontológica que supere o esquematismo epidérmico?

⁴⁰ FALABRETTI, Ericson; QUEIROZ, Ivo. *A fenomenologia negra de Fanon*. Curitiba: Kutter Editorial, 2025.

⁴¹ MERLEAU-PONTY, M. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁴² FALABRETTI, Ericson; QUEIROZ, Ivo. *A fenomenologia negra de Fanon*. Curitiba: Kutter Editorial, 2025.



Ao retomar as forças coletivas de “*Ba-ntu*” e do quilombismo já mencionados, podemos referenciar ao que Merleau-Ponty⁴³ defende como tese da **intercorporeidade**. O filósofo propõe a compreensão de que nossas experiências, desde sua gênese, são inextricavelmente entrelaçadas com outros corpos e com o mundo que habitamos.

Nascemos de um corpo, e, fenomenologicamente, a **intercorporeidade** é a expressão dessa imersão primordial em um mundo multidimensional e integrador: natural, social, e protocognitivo. Este mundo é simultaneamente reafirmado e desconstruído por meio do pensar, do falar, das brincadeiras, dos jogos, das disputas, das danças, dos passeios, do sexo, do trabalho e de inúmeras outras formas de interação.⁴⁴

Corpos que se encontram junto ao mundo são corpos que se desvelam como corpos-territórios. Para a superação do esquematismo epidérmico cindido (pela discriminação racial), ainda com as análises de Falabretti e Queiroz⁴⁵, propõe-se que pela intercorporeidade se desenvolve e se enriquece as possibilidades e aberturas das encarnações de consciências corporais num sítio de “acolhimento implícito”, um sentimento de pertencimento enraizado no solo, na geografia, na cidade, no bairro, na rua, na escola, na casa, entre outros... corpos-territórios.

Ainda que Franz Fanon tenha vivido cotidianamente o curso de medicina em uma universidade francesa, tendo encontrado colegas de turma e de ideais, ele é o corpo-território que se encontrava (ainda que rodeado de pessoas e coisas) sozinho, Se acompanharmos com olhar atento o capítulo “A experiência vivida do negro”⁴⁶, podemos atentar que é na literatura que Fanon propõe buscar uma outra base que funde sua existência (racial) e essa busca passa, dentro outras vias, pela literatura.

⁴³ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

⁴⁴ FALABRETTI, Ericson; QUEIROZ, Ivo. *A fenomenologia negra de Fanon*. Curitiba: Kutter Editorial, 2025, p.57 – grifo nosso.

⁴⁵ Id., *ibid.*

⁴⁶ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020



Corpo-território a partir da literatura: eu sou um “corpo-negro-em” movimento

A saber de um conhecimento que não pode ser apreendido apenas por uma consciência, mas de um corpo que é condição existencial *com* e *no* mundo, o empenho fenomenológico do pensamento de Fanon, pelo menos até 1952, ano de lançamento de *Pele Negra*, *Máscaras Brancas*, propôs um forte compromisso com reflexões que estivessem considerando as experiências de sujeitos que vivessem as contradições de um mundo cindido pela questão racial. O *modus operandi* do “rigor” e da “imparcialidade” da tradição filosófica não ampararia suas questões, uma vez que tanto o conteúdo quanto a linguagem falhavam, ou se quer, consideravam pensar as vivências a partir de uma perspectiva ontológica desse mundo sensível.

É nesse contexto que Fanon vê na literatura a possibilidade, senão de rompimento parcial com a tradição, a oportunidade de pensar existencialmente as experiências vividas do negro, sem se prender à produção filosófica europeia produzida até então. Ao mesmo tempo, considerar que a ação intelectual do autor seja mera consequências de lacunas do pensamento ocidental é um equívoco parcial de suas reais motivações, uma vez que sua formação política tenha sido forjada sob a influência do poeta e literário martiniquense Aimé Césaire, o qual acreditava num retorno aos saberes africanos para a construção das identidades diaspóricas⁴⁷. Neste ponto, sobre uma literatura do corpo e da raça, cabe ressaltar que se encontra uma terceira confluência entre Fanon e as ideias de Merleau-Ponty, o qual também vislumbrou a literatura como potência para pensar o corpo e o território.

As reflexões merleau-pontianas sobre a fenomenologia da percepção são comumente associadas aos fenômenos de sensibilidade e motricidade, mas que em sua obra homônima, Merleau-Ponty⁴⁸ destacou a linguagem enquanto caminho para um conhecimento originário de uma possível *ontologia do sensível*. Na obra *O visível e o*

⁴⁷ CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.

⁴⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.



*invisível*⁴⁹, publicação póstuma do autor, ele coloca a redução fenomenológica (*époche*) como uma forma de reaprender o mundo. Para Corrêa⁵⁰, esse reaprender traça uma nova fase do pensamento de Merleau-Ponty, esteado sobre a linguagem da arte. Merleau-Ponty consideraria a arte como possibilidade de ver o mundo de outro ângulo, cuja produção artística criaria “uma verdade diferente” daquela produzida pela ciência de “sobrevôo”⁵¹ (para utilizar um termo do filósofo), ou seja, a arte enquanto uma reconstrução dos sentidos e significados do mundo feita pelo artista.

É neste íterim que a literatura permite, através da afetação, que o corpo e território se fundem num único gesto poético. Porque, primeiro, a literatura rompe (ao contrário da ciência moderna) com a ideia de linguagem pura, que institui sob o valor da fiel representação uma dada realidade, afastando os prejuízos tradicionais, traços comuns à fenomenologia de Merleau-Ponty e Fanon. E, segundo, para o filósofo Leandro Cardim⁵², refletindo sobre a influência da arte e da expressão literária nas pesquisas de Merleau-Ponty, afirma que na literatura há uma espécie de “ultrapassamento da verdade”, quando o escritor exprime algo que nunca foi expresso. Numa concepção merleau-pontiana, isso não se trataria de despertar correspondências existentes entre as palavras que se empregam a certas ideias usuais. Assim

[...] a força ou a potência de um escritor não deve ser procurada em alguma espécie de tentativa de comunicar verdades objetivas ou ideias prontas. Sua virtude consiste em seu estilo. É a modulação particularizada de sua maneira de falar que faz com que o leitor assimile aos poucos o universo do livro e que dá o próprio pensamento do autor. Dizer que em literatura o escritor reinventa a linguagem é o mesmo que dizer que ele reintroduz nela uma deformação.⁵³

⁴⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. (trad. José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira) São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. *A Prosa do Mundo*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

⁵⁰ CORRÊA, Éder. A realização de uma verdade: a literatura na filosofia de Merleau-Ponty. *Non Plus*, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 13, p. 79–92, 2018.

⁵¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. (trad. José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira) São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁵² CARDIM, Leandro. N., A expressão literária em Merleau-Ponty. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n.17, v.2, 2010, p. 47.

⁵³ Id., *ibid.*, p. 49.



Talvez esse fosse o intuito de Merleau-Ponty e Fanon: libertar a linguagem do controle das “evidências” e confiar na linguagem para inventar e conquistar novas relações de sentido – sendo a linguagem o próprio ato de significar – onde só podemos compreendê-la se nos instalarmos nela e a exercermos⁵⁴.

Frantz Fanon⁵⁵ lança mão da obra literária, *Je suis Martiniquaise* de Mayotte Capécia para fazer a sua primeira reflexão sobre a experiência da mulher negra martiniquense com o parceiro branco europeu. Em tom de denúncia da obra e de fortes críticas, Fanon tenta apresentar uma inferioridade historicamente vivida por corpos colonizados que almejavam a salvação através de comportamentos que possibilitem sua aceitação individual aos ciclos sociais de pessoas brancas. Essa análise que se situa, sobretudo, no campo da filosofia e da psicanálise, serve de um movimento para que o autor apresente a “patologia” e revela no ser-corpo-negro o “remédio”, das angústias trazidas por Mayotte Capécia

Sou negro, corporífico uma fusão plena com o mundo, uma compreensão simpática da terra, uma perda do meu eu no âmago do cosmos, e o branco, por mais inteligente que seja, seria incapaz de compreender Armstrong e os cantos do Congo. Se sou negro, não é em decorrência de uma maldição, mas sim porque, tendo estirado a minha pele, consegui captar todos os eflúvios cósmicos. Sou realmente uma gota de sol sob a terra...⁵⁶

Numa mesma passagem, corpo-terra-Congo e cosmos se inscrevem. Sob uma linguagem que afirma “sou realmente uma gota de sol”, traz esse traço de uma expressão literária que substitui o significante pelo significado, une ontologicamente o resgate de uma África Encarnada (em especial, o Congo) que ecoa no canto de jazz de Louis Armstrong ao plano cósmico de existência do “*Ha-ntu*” (ser força-lugar-espaco). A inversão da suposta maldição⁵⁷ em magia liberada pelo *Ka-ntu* (ser-força-coisa) a união de todos esses elementos (terra, água e sol) sob um mesmo ser (corpo-coisa).

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 60

⁵⁷ Cabe aqui ressaltar a expressão “magia negra” que, no Brasil, passou a ser associada às religiões de matrizes africanas como manifestações e práticas racistas de intolerância religiosa.



Com o romance “*Un homme pareil aux autres*” de René Maran⁵⁸, Fanon⁵⁹ procura fenomenologicamente descrever a experiência do homem negro. O autor inicia com a menção ao protagonista do romance, Jean Veneuse

Do que se trata a narrativa? Jean Veneuse é um negro. De origem antilhana, vive em Bordeaux há muito tempo; logo, é um europeu. Mas é negro [*noir*]; por isso é um negro [*nègre*]. Esse é o drama. Ele não entende a sua raça e os brancos não o entendem. E, diz ele, “os europeus em geral, e os franceses em particular, não se contentam em ignorar o negro e suas colônias, desconhecem inclusive aqueles que formaram sua própria imagem.”⁶⁰

A não compreensão de si (ou de sua raça, como Fanon referencia) revela um esmaecimento de Jean Veneuse não só de seu corpo, mas de sua existência: o *noir* dismantela seu fenótipo, enquanto o *nègre*, seu espírito, sua origem. Nessa inautenticidade de um existir sobre o reconhecimento de uma imagem de si que apenas pode ser projetada pelo outro, subtrai-se qualquer possibilidade do *Muntu* (ser-força-pessoa). Fanon, no contexto colonial, identifica essas experiências em casos de estudantes negros em instituições universitárias de prestígio, onde se recusa reconhecê-los

O negro é selvagem, enquanto o estudante é evoluído. Você é “um de nós” disse-lhe Coulanges [a Jean Veneuse], e, se alguém o considera negro, é por engano, pois de negro você só tem a aparência. Mas Jean Veneuse não quer fazer isso. Não pode fazer isso, porque sabe.⁶¹

Essa passagem revela a fragilização do *Muntu* pelo sítio ou território contextualizado. As universidades francesas as quais tanto Fanon quanto René Maran mencionavam eram compostas por, majoritariamente, estudantes, funcionários e professores brancos e possuía, dentro de toda a sua estrutura institucional – desde os currículos, as disciplinas, os temas de pesquisa e ensino – situados na cultura europeia. Assim, Jean Veneuse era um corpo-sem-território (um corpo em um território de *outrem*) “[...] estou me afastando de vocês apenas porque este país não é o meu e porque me sinto sozinho demais, vazio demais, privado demais [...]”⁶².

⁵⁸ Poeta francês (1887-1960) e autor de “*Un homme pareil aux autres*” (1947).

⁵⁹ Id., *ibid.*, p. 80.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Id., *ibid.*, p. 84

⁶² Id., *ibid.*, p. 85.



Essas análises fenomenológicas destituem a categoria de território aos seus aspectos geográficos formais, não considerando a separação, de um lado, corpo e, de outro, território. Mas institui, enquanto experiência e existência, a corporificação de um ser que carrega consigo profundas formas de mitos e histórias. Para Wole Soyinka⁶³ a arte pode ser considerada como um veículo de restauração para um sentido ontológico do corpo-território de origem perdida. Teju Cole⁶⁴, escritor de origem nigeriana, em seu romance “Cidade Aberta”, faz com que seu personagem Julius, também africano, pratique longas caminhadas em *flânerie* na metrópole nova-iorquina identificando corpos em comunhões de “pequenas Áfricas”: descreve minuciosamente o olhar de pessoas negras que se miram entre a multidão da Quinta Avenida ou *Time Square* sob a frenesi metropolitana.

A literatura, assim, possibilita experimentar ou penetrar no quadro de uma percepção de mundo – tal como as fenomenologias de Frantz Fanon e Maurice Merleau-Ponty sinalizavam – para além da consciência resguardada ao entendimento formal e conceitual de mundo, estabelecer sensações e cosmovisões de corpos-em-movimento que evocam uma (ou várias) África(s) através de ritmos, harmonias e tonalidades, criando “gingas” ao conformar um território próprio, de uma dimensão (por parte da ciência moderna) ignorada da realidade: dimensão da afetividade.

Redescobrir África: corpo, ciência e literatura

Para redescobrir, é preciso que algo tenha estado encoberto, é preciso que seu sentido tenha sido perdido. Com Franz Fanon, que ultrapassa tangencialmente o pensamento de Merleau-Ponty, nós, que fomos educados nos moldes da ciência moderna eurocêntrica, nós, que estamos em diáspora, redescobrimos, desde nossos corpos, a África nos nossos contemporâneos territórios.

⁶³ SOYINKA, Wole. *Mito, literatura e o mundo africano*. (Tradução: Karen de Andrade) Rio de Janeiro: Zahar, 2024

⁶⁴ COLE, Teju. *Cidade aberta*. (Tradução: Rubens Figueiredo) São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



Fanon, desde seu esquematismo epidérmico a partir de uma reflexão fenomenológica exercida desde sua experiência sensível, corpóreo-territorialmente significada, nos impele a uma consciência profunda da cisão racial da sociedade e do peso dessa cisão na ontologia de corpos negros; nos re-mergulhando entre o “infinito e o nada”⁶⁵ dessa condição.

Mas para essa redescoberta, entendemos que não é necessário, explicitamente, ler ou fazer literatura escrevendo *ipsis littris* a palavra África; porque a literatura que o próprio Fanon evoca é sempre aquela fundada no que Merleau-Ponty chamaria de intercorporeidade, mas que a filosofia africana já conhecia como *Ubuntu*.

É uma literatura onde o corpo, ao invés de obliterado, se torna via de compreensão de si mesmo (ser-força-pessoa, *Ki-ntu*) em comunhão com o território; em comunhão com o ser-força-lugar-espço (*Ha-ntu*) que é esse território; em comunhão com o ser-força-modalidade (*Ka-ntu*) deste território; em comunhão com o ser-forças-coisas (*Mu-ntu*) deste território. Poderíamos dizer que, em suas análises que dançam entre a experiência corporalmente vivida do negro e a literatura, esta última revela a corporeidade sem desintegrar as forças, *Ubuntu*, do corpo-território.

Minha negritude não é nem torre nem catedral
Ela mergulha na carne vermelha do solo
Ela mergulha na carne ardente do céu
Ela rasga a prostração opaca da paciência sensata...⁶⁶

Referências bibliográficas

⁶⁵ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020, 154 p.

⁶⁶ Id. Ibid., p. 164.



- AL-SAJI, Ali. Touching the wounds of colonial duration: Fanon's anticolonial critical phenomenology. *Southern Journal of Philosophy*, Memphis, v.62, p.2-23, 2024.
- CARDIM, Leandro. N., A expressão literária em Merleau-Ponty. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n.17, v.2, 2010, pp.45-56.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.
- COLE, Teju. *Cidade aberta*. (Tradução: Rubens Figueiredo) São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CORRÊA, Éder. A realização de uma verdade: a literatura na filosofia de Merleau-Ponty. *Non Plus*, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 13, p. 79-92, 2018.
- DE PAULA, Luiz T. Se 'sou porque nós somos', até quando precisaremos de heróis?. In: Celso Luiz Prudente; Rogério de Almeida; Hugo César Bueno Nunes; João Clemente de Souza Neto. (Org.). *Reescrevendo a história com as mãos negras*: homenagem à trajetória de Orlando da Mata. 1ed.São Paulo: Feusp, 2024, v., p. 268-272.
- DE PAULA, Fernanda Cristina. Ser corpo-negro: con-vívio, dis-córdia e presença nos lugares e territórios. In: Claudinei Aparecido de Freitas da Silva; Reinaldo Furlan. (Org.). *Figuras da carne*: diálogos com Merleau-Ponty. 1ed.São Paulo(SP)/São Carlos (SP): Cultura Acadêmica/Pedro e João Editores, 2024, v. 1, p. 119-154
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FALABRETTI, Ericson; QUEIROZ, Ivo. *A fenomenologia negra de Fanon*. Curitiba: Kutter Editorial, 2025.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz A. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. *O negro por ele mesmo*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- MALOMALO, Bas'illele. *Filosofia Ntu*. Velo Horizonte: Nandyala, 2022.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. (trad. José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira) São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. *A Prosa do Mundo*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *Romance e Metafísica*. *Revista Joaquim*, n. 14. Curitiba, p. 4, 1947.
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 1ª ed., 2021. 207 p.
- MONDARDO, Marcos Leandro. *O Corpo enquanto "Primeiro" Território de Dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle*. Universidade Federal da Grande Dourados, 2009. [Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (Bocc)]
- PIRES, Thula R.; QUEIROZ, Marcos; NASCIMENTO, Wanderson F. *A linguagem da revolução: ler Frantz Fanon*. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 7-28.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- SOUZA, Neusa S. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SOYINKA, Wole. *Mito, literatura e o mundo africano*. (Tradução: Karen de Andrade) Rio de Janeiro: Zahar, 2024



Body-Territory: Fanon's Phenomenology and the Rediscovery of Africa through Literature and Corporality

ABSTRACT: The split between body, territory, and race stems from the fragmentation inherent in the logical-formal horizon of modern Western and Eurocentric science. This results in the dispossession of the body in favor of the mind (reason), producing dissociations that hinder the understanding of everyday racial experiences from the standpoint of corporeality. In this sense, African philosophies and literature—operating beyond the formal limits imposed by Western science—are capable of provoking and rediscovering powerful literary images that converge toward the ontological dimensions of Black diasporic bodies, thus reshaping ancestral reconnections with Africa. Drawing on phenomenological elements found in the works of Frantz Fanon and Maurice Merleau-Ponty, and considering literature as a shared space of reflection for both thinkers, this study seeks to foreground corporeality itself as the genesis of distinct territorialities, which we evoke here as body-territory.

Keywords: phenomenology; racial experience; body and Africa; literature.

Cuerpo-territorio: fenomenología de Fanon y el redescubrimiento de África a través de la literatura y la corporeidad

RESUMEN: la escisión entre cuerpo, territorio y raza deriva de una fragmentación propia del horizonte lógico-formal de la ciencia moderna occidental y eurocéntrica, repercutiendo en procesos de desposesión del cuerpo en detrimento de la mente (razón), y provocando disociaciones que dificultan la comprensión de las experiencias raciales cotidianas desde la corporeidad. En este sentido, las filosofías africanas y la literatura, situadas fuera de los límites formales impuestos por la ciencia occidental, son capaces de provocar y redescubrir potentes imágenes literarias que confluyen en aspectos ontológicos de estos cuerpos negros diaspóricos, configurando redescubrimientos de ancestralidades vinculadas a África. Así, a partir de elementos de la fenomenología presentes en las obras de Frantz Fanon y Merleau-Ponty, buscamos, desde la relación con la literatura (presente en la reflexión de ambos pensadores), situar la propia corporeidad como génesis de distintas territorialidades, las cuales evocamos aquí como cuerpo-territorio.

PALABRAS CLAVE: fenomenología; experiencia racial; cuerpo y África; literatura

Corps-territoire : phénoménologie de Fanon et redécouverte de l'Afrique à travers la littérature et la corporéité

RÉSUMÉ: La scission entre le corps, le territoire et la race découle d'une fragmentation propre à l'horizon logico-formel de la science moderne occidentale et eurocentrée, entraînant des processus de dépossession du corps au profit de l'esprit (raison) et provoquant des dissociations qui rendent difficile la compréhension des expériences raciales quotidiennes à partir de la corporéité. En ce sens, les philosophies africaines et la littérature, en dehors des limites formelles imposées par la science occidentale, sont en mesure de susciter et de redécouvrir de puissantes images littéraires qui convergent vers des aspects ontologiques de ces corps noirs diasporiques, configurant des redécouvertes d'ancestralités liées à l'Afrique. Ainsi, à partir d'éléments de la phénoménologie présents dans les œuvres de Frantz Fanon et de Merleau-Ponty, nous cherchons, à partir du rapport à la littérature (présent dans la réflexion des deux penseurs), à situer la corporéité elle-même comme la genèse de différentes territorialités, que nous désignons ici comme corps-territoire.

MOTS-CLÉS : phénoménologie ; expérience raciale ; corps et Afrique ; littérature.